

Diálogo inter-religioso e autoconsciência étnica entre os Kulina

Frank Tiss ¹

O objetivo maior da presença do COMIN (Conselho de Missão entre Índios da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil) entre os Kulina é, em solidariedade com as comunidades indígenas e seus representantes, **estabelecer e fortalecer iniciativas que garantam a autodeterminação deste povo.**

Povos indígenas como os Kulina, que sobreviveram ao crescente predomínio da sociedade não indígena na Amazônia, tiveram seus sistemas sociais e econômicos afetados. Por isso, as comunidades devem ser fortalecidas e capacitadas para que possam superar atitudes de impotência e inferioridade e para que independentemente decidam como querem viver na atualidade em concordância com sua cultura. Entendemos que um apoio neste aspecto seja a nossa maior chance de contribuir para a sobrevivência física e cultural deste povo indígena.

Os Kulina têm contatos com grupos não indígenas há mais de 150 anos. O confronto tornou-se maciço desde o final do século XIX, quando um número grande de famílias nordestinas foi levado pelo governo para o sudoeste da Amazônia, para que trabalhassem na extração do látex nesta região, muito rica em seringueiras. Os seringalistas organizaram as chamadas “correrias”, expedições armadas para exterminar grupos indígenas como os Kulina, para que não dificultassem a exploração extrativista. Centenas de Kulina, adultos e crianças, foram levadas à morte. Alguns grupos tentaram enfrentar os ataques, outros fugiram para regiões de difícil acesso. Uma parte do povo que escapou das armas de fogo ainda morreu contagiada por doenças introduzidas pelos nordestinos, como sarampo, catapora ou gripe. Mais tarde, nos anos 20 e 30 do século XX, começaram-se a integrar os Kulina na extração do látex, inicialmente como fornecedores de alimentos baratos e como mateiros, depois como seringueiros. Os patrões exploraram a mão-de-obra dos indígenas e os mantiveram em dependência econômica. Muitos Kulina abandonaram a sua vida comunitária e passaram a morar nos seringais, o que afetou muito a sua vida social comunitária.

A discriminação que os Kulina sofreram desde o primeiro contato com a população não indígena cristã continua até hoje, na maioria dos casos, porém, de modo mais sutil.

A esta experiência histórica de inicialmente serem dizimados, depois explorados e marginalizados pela sociedade dominante e, conforme a sua autocompreensão, cristã, acrescentou-se a experiência de uma desqualificação explícita da própria tradição religiosa. Principalmente em contatos pessoais com os “brancos”, mas mais tarde também através de pregações, ouviam regularmente que sua religião era primitiva, ignorante ou perigosa. Isso também criou um sentimento de inferioridade e impotência religiosas. Não que tivessem abandonado a sua religiosidade; pelo contrário, após a língua, a tradição religiosa talvez seja a mais viva entre os Kulina. Porém, quase nunca reagem diretamente a intervenções cristãs. Parece que não se sentiam capazes de ter uma opinião própria. Tão prepotente era a cultura cristã em geral e tão intolerantes e convictos de si mesmos eram os depoimentos cristãos ocasionais e a pregação que os Kulina, em sua suposta primitividade e

¹ Frank Tiss, pastor missionário da Obra Missionária Evangélica Luterana da Alemanha, atua desde 1994 pelo Conselho de Missão entre Índios (COMIN) da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) entre o povo indígena Kulina, na região do médio rio Juruá, no sul-oeste do estado do Amazonas, desde 2000, junto com sua esposa, a médica Christiane Tiss.

inferioridade, aparentemente não se viram interpelados nem capazes de relacionar, de alguma forma, a sua tradição religiosa com a pregação cristã.

Ao mesmo tempo, os pregadores católicos, evangélicos-fundamentalistas e pentecostais admoestavam que uma persistência dos Kulina em sua tradição religiosa – ou seja, em crenças supostamente atrasadas ou inúteis – não apenas os manteria distantes da verdade e da felicidade, mas resultaria principalmente na futura perda de suas almas, no sofrimento eterno no fogo do inferno ou algo semelhante. Como saída, indicou-se-lhes uma vida cristã, cujo modelo estaria no pano de fundo cultural e no modo de vida dos respectivos pregadores. Passaram-se como valores importantes e positivos, por exemplo, o indivíduo e a sua própria família, os bens pessoais, o progresso econômico pessoal, o asseio (conforme compreensão ocidental), um modo de vida individualmente bem organizado e uma boa reputação na sociedade não indígena.

Por isso, queríamos também reagir a esta experiência. Como em outros contextos da vida, queríamos, também no que se refere ao desafio que a cultura ocidental-brasileira em geral e particularmente a pregação cristã significam para a cultura e a religiosidade dos Kulina, incentivá-los a buscar respostas próprias e a sua realização.

Porém, exatamente por isso, este objetivo tinha que ser realizado em respeito mútuo e num mesmo nível, como acontece num diálogo. Compreendemo-lo como único modo apropriado para falarmos conjuntamente sobre as diferentes tradições religiosas e a fé, pois ou um diálogo se realiza de igual para igual, ou ele não é diálogo. Todos os envolvidos em um diálogo, de modo igual, perguntam, respondem e se completam, e o seu resultado está em aberto. Um diálogo não é uma arena para uma competição de argumentos, mas, sim, um espaço para um melhor entendimento mútuo. Se for bem-sucedido, o seu progresso levará a um enriquecimento de ambas as partes.

De fato, os Kulina mostraram-se cada vez mais abertos para esta troca de pensamentos em forma de conversas informais sobre religião. A afirmação cristã de que Deus valoriza cada pessoa não é desmentida, logo no momento de expressá-la, por uma atitude de superioridade, que teria (e quase sempre teve) como mensagem implícita que pessoas como os Kulina, do jeito como são, não teriam ainda o conhecimento decisivo e a prática religiosa e cultural, mas antes teriam que superar tal ingenuidade com o auxílio dos cristãos. O ser humano pretensamente amado e apreciado por Deus seria, então, no mesmo instante declarado culturalmente subqualificado, o que seria (e sempre foi) ainda mais infeliz em relação a grupos sociais já extremamente discriminados.

Para um diálogo *inter-religioso* com os Kulina num sentido mais explícito, isto é, como troca de idéias sobre as religiões entre os parceiros envolvidos no diálogo, num primeiro momento, era necessário fazer um trabalho preparatório para criar as condições para que, posteriormente, o diálogo pudesse ocorrer. Essencialmente eram **dois os problemas a serem superados: primeiro, que a maioria dos Kulina partia do pressuposto de que nem sequer possuísse uma religião. E segundo, que para a maior parte dos Kulina era difícil de imaginar que a religião da cultura predominante, poderosa e opressora, portanto o cristianismo dos “brancos”, estivesse disposta ou fosse sequer capaz de dialogar.** A primeira dificuldade é determinada também pela segunda.

A abertura e a confiança mútua necessárias para este trabalho preparatório já existiam. Isto se deve ao fato de que, inicialmente, tivemos fases de mera convivência em algumas comunidades Kulina, e depois, no decorrer dos primeiros dez anos, trabalhamos crescentemente em solidariedade e cooperação com as comunidades para que tivessem melhores condições para uma vida mais segura, independente e, o tanto quanto possível, auto-determinada. Cooperamos, por exemplo, na demarcação do seu território tradicional e na formação de professores Kulina. Após análise da língua Kulina e publicação de uma gramática, realizamos seminários nas aldeias para esclarecer-lhes a riqueza e a complexidade

de sua língua materna, que muitos deles entretantes tinham considerado primitiva, pelo fato de haver sido seguidamente ridicularizada por não-indígenas. Minha esposa, Christiane Tiss, construiu em várias aldeias, conjuntamente com os seus moradores, filtros comunitários de água na base de areia, para garantir água potável. Além disso, ajudamos para uma melhor articulação entre as diferentes comunidades e aconselhamos os indígenas em questões jurídicas.

Nestas atividades conjuntas em questões de terra, educação, organização e saúde, sempre demos muita importância a uma maior compreensão mútua dos diferentes panos de fundo culturais do povo Kulina e da população não indígena em seu entorno. Desta forma, já acontecera um diálogo *intercultural* que deu as condições para um diálogo *inter-religioso*, ou mais, o primeiro, quase que inevitavelmente, gerou o segundo. (Ao mesmo tempo, o trabalho intercultural continuava. Em muitas comunidades realizamos, por exemplo, seminários sobre o problema do alcoolismo, tentando entender o crescente consumo da tradicional caçuma e de cachaça a partir do contexto das mudanças econômicas, sociais e culturais entre os Kulina durante as últimas décadas. Christiane deu novas perspectivas para o tratamento da tuberculose, refletindo e interligando, em conjunto com grande parte dos xamãs Kulina, os conceitos de tuberculose, tanto da medicina moderna quanto a dos Kulina.)

O diálogo *inter-religioso* começara principalmente entre nós e os Kulina. Muitas vezes, após o pôr-do-sol, ao sentarmos ao redor de uma lamparina no meio do terreiro ou numa das casas maiores, como é costume dos Kulina, houve muitas trocas de perguntas e respostas a respeito. E os Kulina seguidamente nos convidavam para presenciarmos diversos ritos religiosos e nos introduziam cada vez mais em sua tradição.

Enquanto nós ficávamos cada vez mais impressionados pelo fato de como o lado transcendente do mundo se apresenta de um modo diferenciado para os Kulina e de como são ricas as experiências espirituais dos xamãs, logo percebemos também que a maioria dos Kulina não conseguiam compreender a sua tradição religiosa como algo que de alguma forma fosse comparável com a tradição cristã. Isto, por um lado, porque, em sua tradição, não achavam aparentemente nada daquilo que parece substancial para a fé cristã, como a Bíblia, templos, pregadores, batismo, procissões, promessas e, principalmente, um Deus que está acima de tudo.

Assim, entre eles se dava a impressão de que não possuíam uma religião própria. Tal impressão fora reforçada pelas afirmações dos missionários fundamentalistas (de origem norte-americana, alemã e, por último, brasileira) de que aquilo que os Kulina crêem ou é tolice, ou coisa do diabo.

Uma vez que, por outro lado, a população não indígena da região usa o termo “religião” como sinônimo de “confissão cristã” (“Eu sou da religião católica, mas a minha esposa é da evangélica”), ela evidentemente também nega aos Kulina a idéia de pertencerem a uma religião. Isto não se explica simplesmente como um engano idiomático. Muito antes, reflete-se nisso o que de fato pode ser uma religião ou não para as pessoas não indígenas mais simples. Em conversa com os Kulina, muitas delas deixam claro que consideram a prática religiosa dos indígenas como *atrasada* ou assustadora. Como único elemento positivo, algumas pessoas ainda vêem apenas a possibilidade de que os rituais xamanísticos possam levar a cura de doenças internas.

Esta compreensão da tradição religiosa Kulina como não-religião (no sentido de algo não comparável com a tradição cristã), proveniente de todos os lados, acabou sendo assumida pelos Kulina.

Inicialmente, reagimos a isto apenas de forma ocasional, em muitas das rodas de conversa durante as nossas visitas às aldeias.

Devido à grande dispersão geográfica das aproximadamente 25 aldeias nos afluentes dos rios Juruá e Tarauacá, exigindo viagens de barco de um a vários dias para chegar nelas, pareceu-nos indicado ter um meio de comunicação que pudesse alcançar e envolver igualmente todos os grupos Kulina em pouco tempo.

No início do ano 2005 criamos a “áudio-revista” *Titihade*². Cada edição de *Titihade* é publicada tanto em forma de uma pequena revista impressa com imagens quanto em forma de gravação em fita-cassete e CD, pois a maioria dos adultos mais velhos e dos idosos não sabe ler. Nesta gravação, há músicas, principalmente dos próprios Kulina, nos intervalos entre as falas. Usamos exclusivamente a sua língua materna. Alguns dos professores Kulina usam a revista na sala de aula. Os Kulina geralmente escutam juntos os CDs e as fitas-cassete, em grupos menores ou maiores.

O primeiro número contém um texto que trata do que é religião e como as tradições religiosas, tanto indígenas quanto não indígenas podem ser diferentes umas das outras (outros textos deste *Titihade* falam, por exemplo, do trabalho escolar nas aldeias ou de DST e AIDS)³. São mencionados também alguns exemplos de animismo, portanto, de tradições religiosas que são semelhantes à dos Kulina. Estas religiões destacam-se pela compreensão de que animais, vegetais e outros elementos da natureza têm um lado humano, social e cultural, ou seja, uma alma, com a qual o ser humano pode comunicar-se dentro de rituais religiosos. O artigo chama ainda a atenção dos ouvintes para o fato de que, se não possuem uma Bíblia, têm uma abrangente tradição oral, através da qual transmitem sua cosmovisão, sua mitologia e sua ética. Acrescentam-se a isto cantos religiosos, danças, rituais e festas, pessoas em função de sacerdote, etc. Evidencia-se, então, que também eles têm uma religião. O texto encerra com a seguinte pergunta:

Portanto, não foram os não indígenas os primeiros a falarem aos Kulina sobre religião, sobre céu e paraíso. Antes deles, os antepassados dos Kulina já sabiam contar muitas coisas sobre isso.

Se for verdade que há um grande Deus eterno e onipresente antes de qualquer outra coisa existir, então não foram os não indígenas, os missionários que levaram Deus aos Kulina, mas Deus já estava antes em seu meio.

Os não indígenas falam em “Deus”. Os antepassados dos Kulina de fato não conheciam nada que tivesse este nome “Deus”, mas será que eles também já não o conheciam, referindo-se a ele talvez de outra forma?

Este artigo foi muito comentado e levou a muitas conversas. Enquanto alguns, por exemplo, achavam que um Deus no sentido cristão simplesmente não aparece em sua tradição, outros, inclusive xamãs, afirmavam que alguns traços de seus personagens mitológicos e de seus poderes transcendentais se pareciam com a idéia cristã de Deus.



² *Titihade* é o nome Kulina do passarinho *ticuã*, cujos cantos são interpretados como avisos valiosos por caçadores e pescadores.

³ Como os textos sobre questões de tradições religiosas, publicados em três edições de *Titihade*, provavelmente são a parte mais palpável do nosso diálogo inter-religioso com os Kulina para pessoas externas a este processo, e como estes artigos transmitem também uma boa parte do conteúdo e, indiretamente, um pouco da forma deste diálogo, citaremos várias partes destes textos neste artigo.

No segundo número do Titihade encontra-se, ao lado de outros artigos sobre, por exemplo, a tuberculose, o problema do alcoolismo ou o significado das festas tradicionais na vida dos povos indígenas, um texto que, baseado em Mateus 23.23, procura mostrar o que importava e o que não importava, para Jesus, quanto ao modo das pessoas viverem:



Muitas vezes já me perguntaram nas aldeias se é verdade o que os não-indígenas dizem sobre Jesus, sobre sua vida e sua morte na cruz, sobre o pecado e o céu.

Há não-indígenas que realmente querem entender o que a Bíblia diz sobre Jesus, o que ele fazia e dizia. Mas há muitos outros não-indígenas que apenas procuram na Bíblia o que combina com suas idéias e fecham os olhos para o resto.

Os Kulina sempre foram tratados por muitos dos não-indígenas como inferiores e primitivos. Até hoje, são poucos os não-indígenas que realmente respeitam o jeito e a cultura do Kulina.

E alguns não-indígenas usam até a Bíblia para provar para os Kulina que o seu jeito de viver, a sua tradição e a sua sabedoria não prestam, e que eles teriam que deixar tudo isso para trás e viver igual aos não-indígenas católicos ou evangélicos rígidos.

Já na época de Jesus havia gente falando de um jeito parecido, e estas pessoas se diziam ser grandes conhecedoras da Bíblia. Elas eram conhecidas como escribas e fariseus. Eles exigiam muitas coisas dos pobres, o que tinham que fazer e o que tinham que dar para o pessoal do templo.

Jesus tinha muita raiva deles.

Na Bíblia, no Evangelho de Mateus, no capítulo 23, pode-se ler como Jesus criticou e afrontou estes líderes. Ele disse que estas pessoas, que se dizem conhecedoras da vontade de Deus, dificultam a vida do povo humilde, dando muitas ordens que não têm importância, mas daquilo que mais e realmente importa elas não falam: praticar justiça, misericórdia e ter confiança em Deus.

Jesus não era como estes líderes do templo. Ele não se importava com regras que dificultam a vida do povo, mas se importava com tudo que melhora a vida principalmente dos “pequenos”, dos pobres: ele chamou as pessoas para a justiça, a misericórdia e a confiança em Deus.

A circunstância esboçada em Mt 23, de que as autoridades reconhecidas de doutrinas religiosas com os seus ensinamentos dificultavam a vida das pessoas humildes, principalmente dos pobres, pois para estes se tornava mais sofrido seguir estas regras, faz lembrar a situação dos Kulina. Para estes também foram ensinadas muitas regras e, no contexto da vida indígena, na maior parte constringedoras, às quais teriam que seguir para garantirem a benevolência de Deus e evitarem um sofrimento infernal após a morte.

Foi exatamente por causa deste tipo de doutrinas que Jesus se aborreceu com aqueles líderes religiosos e os criticou. Ele, que tantas vezes foi apresentado aos Kulina como seu admoestador autoritário, condena agora exatamente esta forma de conduzir em andadeiras religiosas, cuja efetividade vem da ameaça implícita de que quem não obedecer perderá a sua salvação. Para alguns dos Kulina, esta atitude de Jesus foi considerada como uma libertação, como se grandes obstáculos tivessem sido tirados do caminho que leva a um encontro mútuo. O Deus dos opressores na verdade parece estar ao lado dos oprimidos. E isto, por sua vez, permite a suposição que ele esteja pronto para dialogar.

O texto continua:

Agora quero explicar melhor em que Jesus estava pensando quando falou em justiça, misericórdia e confiança em Deus.

Primeiro quero falar sobre a justiça. Jesus não podia aceitar que algumas poucas famílias vivessem bem, enquanto a maioria das outras passava por necessidades e discriminações.

Ele quer que todos tenham uma vida boa, e, para alcançar isso, todos têm que ser tratados como iguais. Isso só funciona onde os líderes cuidam igualmente de todo mundo e não beneficiam apenas os próprios parentes e amigos.

Infelizmente, este último aspecto é muito comum entre os não-indígenas⁴. Por isso, Jesus chamou Herodes, o rei da época, de “raposa”, pois ele abusava do poder. (...)

Na opinião de Jesus, um verdadeiro líder deve servir ao seu povo mais do que qualquer outra pessoa. E é assim que os antigos Kulina diziam que devia ser um bom tuxaua. Sim, sem que soubessem, muitos dos caciques seguiram mais a vontade de Jesus do que a maioria dos líderes dos não-indígenas, muito mais do que prefeitos ou governadores.

Jesus não apenas criticou o comportamento dos fariseus de salientarem e mostrarem a sua autoridade, mas também não admitiu **nenhum tipo de hierarquia** entre os seus seguidores (Mt 23.5-12) – **a não ser a hierarquia paradoxal em que a pessoa que serve a todas as outras é, de fato, a maior.**

Isto lembra a organização de uma comunidade Kulina. O seu único líder é o cacique, o *tamine*. Mas o seu cargo não lhe atribui poder de mandar nos demais. Em geral, a sua tarefa é a de lembrar os interesses da comunidade e, por exemplo, durante reuniões comunitárias, ajudar na busca de um consenso, coordenando as discussões e distinguindo a opinião da maioria. Além disso, em trabalhos comunitários, espera-se dele que dê um exemplo para os outros e, desta forma, anime o grupo a agir com total desempenho. A sua casa deve ser a maior: não para ostentação, mas para poder hospedar mais visitantes. Portanto, de fato achamos aqui não apenas uma estrutura social anti-hierárquica, mas até mesmo o ideal de autoridade de Jesus, de que o maior deve ser o servo de todos os outros, está aí culturalmente ancorado e é concretizado em muitos aspectos da vida cotidiana deste povo.

Tive que confessar aos Kulina que, como jovem adulto, sempre considerara a vida em fraternidade, da forma como Jesus a projetou, na qual nem mesmo as autoridades possuem poder, como um ideal que, de fato, nunca fora realizado, pelo menos não de forma duradoura, e que nem era realizável. Depois de haver convivido por algum tempo numa primeira aldeia Kulina, porém, percebi, para minha própria surpresa, que se pode, sim, viver o ideal de Jesus. e que há muito tempo isto já estava acontecendo – ali, entre os Kulina, em meio a um povo, portanto, que não é visto como pertencente à tradição cristã.

Onde em Mt 23.23 se lê “justiça”, no original, encontra-se “*krísis*”, palavra que significa tanto a virtude da justiça quanto o julgamento em se faz valer a justiça. Quando se perguntava por justiça na tradição do Antigo Testamento, na qual Jesus também se baseava, pensava-se principalmente na garantia de proteção para os mais fracos. Portanto, ao falar aqui em “justiça”, não se trata de algo espiritual, mas da proteção e da defesa jurídica de grupos que vivem, econômica ou socialmente, à margem da sociedade.

O fato de que o próprio Jesus considerava a justiça para os mais fracos como algo essencial, surpreendeu os Kulina e chamou muito a sua atenção. Para eles, isto representa o contrário do que até hoje costumam vivenciar no contato com a sociedade supostamente cristã, ou seja, uma grande ausência de justiça.

Ainda se questiona, por exemplo, abertamente e até entre pessoas com mandatos políticos, o fato de os Kulina (e também todos os outros povos indígenas do Brasil) terem direito a extensas terras próprias – apesar de a constituição brasileira afirmar isto. Ignorando este direito, pescadores, caçadores, madeireiros e fazendeiros não indígenas invadem regularmente os territórios dos Kulina. Os órgãos governamentais responsáveis, inclusive a FUNAI, não fazem praticamente nada contra estas violações à constituição.

Como segundo objetivo ético mais importante, Jesus menciona a misericórdia. Para explicar de uma maneira mais concreta em que Jesus pensava, segue aqui, em concordância com o exemplo do próprio Jesus, a história do Bom Samaritano e uma reflexão sobre ela. Os

⁴ Aqui e em outras constatações semelhantes, o artigo refere-se ao contexto de vida concreto dos Kulina, i. é, ao Estado do Amazonas e especialmente a seu interior. Aqui, em muitos municípios, corrupção e nepotismo, exploração da mão-de-obra humana, julgamentos e sua execução pela polícia, sem processos judiciais, etc. são comuns e considerados normais pela população não indígena.

Kulina prestaram muita atenção: Jesus conta a história de tal modo que nem sacerdotes, nem levitas, ambos representantes oficiais da religião predominante, são necessariamente exemplos de verdadeira misericórdia. Em seguida, um samaritano aparece. Dizia-se deles que não faziam parte do povo de Deus: afirmação que parece com o que, no Brasil, muitos pensam sobre os Kulina e outros grupos indígenas. E este samaritano agora se torna um exemplo de misericórdia.

Se Jesus contasse esta parábola hoje, talvez desse como exemplo um Kulina que ainda segue a sua tradição. (...)

Os Kulina que vivem conforme a sua tradição não deixam ninguém passar fome, mas sempre dividem com os outros o que têm, dividem comida, e dividem também as suas ferramentas, canoas ou motores.

Por fim, após a justiça e a misericórdia, Jesus menciona a fé como terceira questão mais importante. Outra vez tomo, no texto, a liberdade de relacionar o assunto a ser tratado com um relato bíblico. Falo da pessoa cuja confiança em Deus Jesus presenciou e, impressionado, elogiou como maior exemplo de fé que já havia visto. É o centurião de Cafarnaum (Mt 8). Com uma convicção especial, ele contava com a atuação de Deus e de Jesus a favor das pessoas deste mundo. Também ele, porém, era mais um daqueles que não pertenciam ao assim chamado povo de Deus, mas era um pagão, possivelmente da Síria. Conforme a opinião comum daquela época, ele não tinha nada a que pudesse recorrer diante das pessoas, diante de Deus ou de Jesus, a não ser a sua convicção de que Deus ama os seres humanos. Para Jesus, porém, isto era mais do que o suficiente.

Os Kulina podem entender isto como mais um indício de que *não* precisam se igualar primeiramente aos cristãos “brancos”, que *não* precisam assumir quaisquer regras de vida e costumes cristãos ou se afiliarem a alguma das muitas igrejas cristãs para só então poderem **contar com a presença do Reino de Deus para si. Isto já podem simplesmente assim, como Kulina.** Ou, para ser mais exato, no sentido dos exemplos do centurião de Cafarnaum e de Mt 23: como Kulina, talvez até o possam melhor.

Jesus queria uma vida boa para todos: para o seu povo, para os menosprezados e, também, para as pessoas de outras culturas. Por isso, importava-se com justiça, misericórdia e confiança em Deus.

Poderíamos igualmente dizer que Jesus se importava com tudo o que fortalece a união entre as pessoas e entre as pessoas e Deus.

Os não-indígenas e também a Bíblia falam muito sobre o pecado.

Se nós pensamos no que foi dito anteriormente, é fácil entendermos o que Jesus queria dizer quando falava em “pecado”:

Pecado é tudo aquilo que prejudica a união das pessoas entre si e a união das pessoas com Deus. Oprimir e explorar os mais fracos é pecado, ódio e sovinice são pecados, vingança também o é, porque tudo isto destrói a união entre as pessoas. Até mesmo querer convencer os Kulina para que vivessem da mesma maneira que os fiéis não indígenas é um pecado, pois também contribui para conflitos e divisões desnecessários nas comunidades indígenas.

Se, por outro lado, vocês fumam ou se tatuam, isso pode prejudicar a sua saúde, mas não seria pecado nenhum, pois não prejudica a união entre vocês nem a união de vocês com Deus. (...)

Para Jesus, importava que nós convivamos em solidariedade, que um ajude o outro, pois é assim que temos uma vida boa. (...)

Infelizmente, hoje em dia, muitos Kulina se deixam contagiar pelo típico egoísmo não indígena: acontece que alguns Kulina deixam pescadores de fora pescarem em seus lagos em troca de dinheiro, sem que a sua comunidade saiba disso. Outros deixam madeireiros tirar madeira ou caçadores caçar os animais que deveriam alimentar toda a sua comunidade.

Deste modo, uns poucos são beneficiados, mas a maioria leva um grande prejuízo.

Quem foi escolhido como tuxaua, professor, agente de saúde ou coordenador de uma organização indígena, pode contribuir muito para o bem-estar e a união do seu povo. Mas quem segue o mau exemplo de muitos não indígenas, aproveitando-se do seu mandato apenas para enriquecer,

para aumentar o seu poder e para mandar nos outros, prejudica a vida da sua comunidade. Jesus chamou pessoas que se comportavam desta forma de raposa e de ninhada de cobras venenosas.

Vimos agora que os Kulina que seguem os ensinamentos da sua tradição estão mais perto dos aspectos mais importantes da vontade de Jesus do que muitos dos não-indígenas. Por isso, se alguém se interessa em seguir os conselhos de Jesus, jamais deve deixar de ser Kulina. Como Kulina, em sua tradição, pode praticar a misericórdia com seus próximos, fortalecer a união do seu povo e ajudar a superar ódio e vingança, bem como o egoísmo que leva a negócios sujos com os não-indígenas. (...)

O professor da aldeia Iari, Idirawi “Tenente” Kulina, disse num dos seminários que, antes de ter escutado isso no *Titihade*, nunca imaginara que a sua tradição religiosa e a fé cristã não se excluíssem mutuamente. Pois o que artes ouvira em programas de rádio evangélicos e dos missionários da “Missão das Novas Tribos do Brasil” era que as duas tradições religiosas eram estritamente incompatíveis. Para ele, era um pensamento novo e animador que, como Kulina, baseado em sua própria tradição, pudesse entrar em diálogo com a tradição cristã de igual para igual e com respeito mútuo.

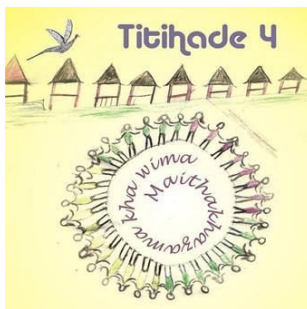
As críticas de Jesus contra os fariseus geralmente foram e são interpretadas como afirmação da necessidade histórica da separação dos cristãos do judaísmo, entendendo que o cristianismo se sobressaía. Lidas, porém, para e com pessoas de um pequeno povo mantido à margem da sociedade cristã, estas palavras de Jesus tornam-se críticas contra os próprios cristãos. **Descobre-se um Jesus que não é um Cristo inatingível e poderoso que justifica a dominação cristã, mas, sim, que protege os menosprezados contra o cristianismo estabelecido.** Esta inversão é considerada pelos indígenas como libertadora. A perspectiva dos “pagãos” os torna missionários de Jesus com uma mensagem para os cristãos.

Pode-se avaliar a nossa interpretação do Novo Testamento como unilateral, parcial e desequilibrada demais. Há quinze anos, provavelmente eu teria feito a mesma avaliação. Porém, supondo que seja realista a imagem ideal de uma prática teológica neutra e imparcial, idéia que até hoje se encontra na teologia europeia, muito grande parece o perigo de que a tentativa de agir de uma forma equilibrada – no sentido da tradição (europeia) hermenêutica dogmática, na escolha e na interpretação de textos bíblicos – afinal de contas, acabe facilitando as coisas para os mais fortes e não fortalecendo os mais fracos. Pergunto: como se consegue atuar de um modo equilibrado diante de uma história humana e de missão ao longo de 150 anos aqui nos Kulina e de 500 anos em outros lugares do Brasil – uma história cheia de conquistas e de submissões em nome da cruz de um lado, e uma história de sofrer perseguição, matança, exploração e desprezo na sombra da mesma cruz do outro lado? Para trabalhar em direção a um futuro equilíbrio, talvez seja necessário pôr peso inicialmente apenas no lado quase vazio e leve demais da balança.

No período de outubro de 2007 a maio de 2008, realizamos **seminários de vários dias** em três das maiores aldeias da região do médio Juruá (as aldeias Iari, Macapá e Penedo). **Aproximamo-nos mais a algumas partes da tradição bíblica de Jesus e colocamo-na em relação com a tradição Kulina.**

A comunidade da aldeia Macapá contribuiu muito para um diálogo bilateral e em vários níveis, realizando, durante as noites do seminário, uma das últimas etapas da formação de novos xamãs. Entre outras coisas, ocorreram, por exemplo, muitas danças rituais. Durante o dia, a maioria dos próprios xamãs, entre eles o cacique Dao “Januário” e o professor Zohe, também participou intensivamente do seminário, no qual a experiência dos rituais influenciou as nossas conversas.

Os participantes dos três seminários sugeriram que dêssemos acesso aos principais conteúdos e resultados das nossas conversas para todo o povo Kulina, publicando-as na “áudio-revista”.



CD Titihade 4

Lançamos, então, em setembro de 2008, o **quarto número de *Titihade* que, sob o título “Discursos de tempos muito antigos”, reproduz resumidamente os principais conteúdos e resultados formulados nos seminários.**

O texto começa com a **lenda indiana dos cegos e do elefante**. Apenas poucos dos Kulina já haviam visto imagens desse mamífero, mas muitos já sabiam a respeito deste maior animal terrestre do mundo. Na versão impressa do *Titihade*, encontra-se, ao lado do texto, uma fotografia correspondente.

Muitos não indígenas afirmam que só eles conhecem a verdade sobre religião, sobre Deus, o céu e o paraíso, e que, porém, outros não indígenas de outras confissões ou religiões, bem como os indígenas, não entendem muito disso e divulgam muitas coisas erradas.

Há um país muito longe daqui, chamado Índia. Agora vocês escutarão uma lenda bem antiga deste país:

Há muito tempo, pessoas de uma cidade na Índia brigavam entre si sobre a questão de como se pareceria o poder divino.

Alguns achavam que a lua ou o sol fossem a divindade, outros a imaginavam parecida com animais. Outras pessoas pensavam mais em um senhor poderoso. Pessoas mais simples imaginavam Deus como um homem velho e barbudo, sentado no céu. A maioria das pessoas de pele clara imaginava que Deus fosse branco, enquanto os morenos e os negros imaginaram que Deus fosse de cor escura.

Como a controvérsia não tivesse fim, solicitaram que o seu velho rei decidisse qual era a resposta verdadeira. O rei, então, ordenou a um dos seus criados: “Vá e reúna todos os cegos que moram nesta cidade”. O criado fez conforme a ordem do seu senhor. Ele mandou procurar todos os cegos da cidade, levou-os ao seu rei e disse: “Meu Senhor, aqui estão os cegos que mandou trazer”.

Então o rei ordenou que trouxessem o maior elefante que ele possuía. Em seguida, ele falou para os cegos: “Digam-me, que ser é este que mandei trazer para vocês?”. Os cegos, então, começaram a apalpar o elefante com suas mãos. Alguns pegaram na cabeça e nas orelhas, outros na tromba, outros na cauda ou nas pernas.

Depois de eles passarem algum tempo apalpando o elefante, o rei perguntou-lhes que forma tinha este ser. O cego que havia tocado na cabeça do elefante respondeu que era uma grande panela. O outro que tinha segurado a orelha disse que era como um grande cobertor. Aquele cuja mão havia apalpado a tromba falou: “Não, é como uma mangueira comprida e molhada que se mexe como uma cobra”. “Nada disso!”, gritou aquele que tocara no rabo do animal, “eu segurei uma grande vassoura na minha mão”. E o cego que havia apalpado uma perna do elefante disse: “Mas o que vocês estão falando? Ele é como o tronco de uma árvore!”.

Ouvindo que cada um falara algo tão diferente, os cegos começaram a brigar. Cada um achava que somente ele pudesse ter razão e que os outros estivessem falando bobagens.

Ao ver esta cena, as demais pessoas riram e, de repente, sabiam para que o rei havia chamado os cegos e o elefante. Eles entenderam o que o seu senhor quisera dizer: “Nós todos somos como aqueles cegos, cada um enxergando somente uma parte da verdade”. Agora estava claro que não é nada prudente achar que apenas um grupo sabe toda a verdade e brigar por causa de conceitos diferentes sobre o divino e o mundo invisível.

A mensagem da lenda de que, diante do divino, todas as pessoas são iguais aos cegos e que, por isso, apesar da diferença de opiniões, pode haver em cada uma delas uma parte da verdade que, em sua totalidade, ninguém consegue compreender, esta mensagem com sua sabedoria simples alegrou e inspirou muitos dos Kulina. Alguns ficaram animados ao pensar que também eles pudessem contribuir em uma conversa da qual até então haviam-se considerado excluídos.

Contra a afirmação muito comum nas igrejas locais e entre as minorias religiosas dissidentes, de que apenas nelas se encontre toda a verdade, os Kulina argumentam também que elas contrastam demais entre si, tanto em suas constatações quanto em seus comportamentos. Como grupo externo, os Kulina percebem isso bem claramente. O texto de *Titihade* resume, a seguir, o que foi dito e anotado a respeito disto durante os seminários:

Em algumas aldeias, realizamos seminários para falar sobre a religião dos Kulina e dos não-indígenas. Quando fizemos um seminário destes na aldeia Macapá, os Kulina falaram das igrejas e

organizações missionárias com as quais têm contato. Como resumo, elaboraram em conjunto o seguinte texto:

Escutamos muitas falas diferentes sobre Deus.

O padre diz que devemos deixar batizar os nossos filhos pequenos, para que, quando falecerem, estejam com Deus.

O pastor da “Assembléia de Deus” fala: “Acreditem em Deus e freqüentem sempre os cultos, para que vocês deixem a bebida alcoólica e estejam unidos com os crentes, e para que, assim, no futuro, vocês possam ir para o céu”.

Os missionários da “Missão das Novas Tribos no Brasil” dizem: “Sempre ouçam o que está escrito na Bíblia, para que as bebedeiras e as brigas se acabem e, futuramente, as suas almas possam ir para onde Deus está. O que os pajés dizem é ruim e perigoso para vocês”.

As pessoas do COMIN sempre falam que Deus ama os menosprezados e os indígenas, e que não devemos abandonar o nosso jeito de ser, mas continuar vivendo em união, pois é importante para termos uma vida boa.

Depois de conversarmos mais, vimos que cada igreja e cada missão dizem coisas diferentes. Em certos casos, os membros de uma igreja afirmam até o contrário daquilo que outros pregam.

Enquanto a maioria diz que o domingo é o dia santo, os adventistas falam para nós trabalharmos no domingo e descansar aos sábados. Enquanto os evangélicos oram somente para Deus e Jesus, os católicos rezam também para Maria e os santos. Enquanto os católicos e os luteranos fazem festas com danças e suas mulheres podem se vestir e cortar o seu cabelo do jeito que gostam, os pentecostais dizem que dançar é pecado e que as mulheres têm que andar de saia e de cabelo comprido... E muitas vezes, quando falam numa igreja ou numa entidade missionária sobre uma das outras igrejas ou missões, questionam a doutrina dos outros ou chamam eles até de mentirosos.

Os participantes dos seminários consideraram o texto sobre o tesouro no céu, de Mt 6, um exemplo muito claro de uma das razões que levam a interpretações tão diversas e até distantes da mensagem bíblica. Eles entenderam imediatamente a idéia original deste trecho do Novo Testamento, mas compreenderam também porque muitos não indígenas, com seu forte interesse num crescimento econômico particular que se encontra em todos os lugares e todas as classes sociais, têm dificuldades com este texto. Dao “Januário” Kulina, cacique da comunidade “Macapá”, junto ao rio Acuraua, comentou logo após ter ouvido o texto bíblico em sua língua materna: “Quando os ricos das igrejas escutarem isso, vão chorar e lamentar”.

Vamos pegar agora um pequeno texto da Bíblia, para ver como as igrejas o interpretam de maneiras diferentes. Ele se encontra na parte da Bíblia chamada “Evangelho de Mateus”, no capítulo 6. Ali, Jesus diz:

“Não ajuntem para vocês tesouros na terra, onde a traça e a ferrugem corroem e onde ladrões escavam e roubam;

mas ajuntem para vocês tesouros no céu, onde nem a traça, nem a ferrugem corroem, e onde os ladrões não escavam, nem roubam.

Porque, onde está o tesouro de vocês, aí estará também o seu coração”.

Com estas palavras, Jesus disse que ninguém pode seguir a ele e querer juntar bens materiais ao mesmo tempo. E ele disse por quê: porque quem é rico sempre vive mais preocupado com as suas riquezas e menos com as outras pessoas e com Deus.

E isso é verdade: quando começamos a correr atrás de bens, querendo cada vez mais, como motores, um barco grande, uma casa feita de tábuas e coberta de alumínio, ou roupas chiques, então o nosso coração fica ocupado com isso e não se preocupa mais tanto com o bem da comunidade toda.

Por isso, Jesus fala aqui contra um crescente acúmulo de bens.

E nas igrejas, como se lida com isso? Será que chamam a atenção dos ricos, exigindo que dividam as suas riquezas entre os pobres? Não, na maioria das igrejas, não acontece nada disto. Também não se fala muito sobre isto. Pelo contrário, geralmente se têm muitas palavras benévolas para os bem-situados.

Muitos dos pastores e missionários pregam que Jesus não tem nada contra os que conseguem aumentar os seus bens, mas que ele apenas quer que eles sejam generosos com o que possuem.

Já outros não indígenas dizem que, aqui, Jesus não quis falar só dos bens que alguém pode possuir, mas que ele fala dos bens para dar apenas um exemplo das muitas coisas no mundo que ocupam tanto o coração que não fica mais nada livre para Deus. Dizem que Jesus falou nos ricos, mas pensou também nas pessoas que vivem mais para se divertirem, e nas outras que só correm atrás de bebida, bem como nas outras que pensam todo o tempo em comida, sexo, poder, etc. Aí parece que Jesus não criticou mais os ricos, mas falou para todo o mundo ao mesmo tempo.

Mas por que aqui os não-indígenas não escutam simplesmente o que Jesus disse bem claramente? Por que interpretam e reinterpretem tanto certas palavras de Jesus até que saia algo diferente? Porque à maioria das igrejas não indígenas pertencem também muitas pessoas bem-situadas. Daí, muitas vezes falta a coragem de lembrar tudo o que Jesus disse sobre riqueza e poder.

Além disso, não são poucos os ricos que enriqueceram explorando os pobres ou tolerando a sua exploração. Com isso, ficou mais difícil para os pregadores falarem que Jesus é solidário com os pobres.

Jesus pregou para que a vida dos menosprezados se tornasse melhor. Mas em muitas igrejas muda-se tanto o sentido das respectivas falas de Jesus que, por final, os bem-situados pouco ou mesmo nem são mais questionados e até podem continuar com suas injustiças para com os menosprezados.

Na América do Norte, também vivem indígenas. Um deles, Tink Tinker, durante um período, era pastor e trabalhava numa igreja de não indígenas, mas, depois de um tempo, afastou-se. Ele considera de valor as idéias de Jesus para os povos indígenas, mas achou diferente demais o que ele ouviu e viu nas igrejas dos não indígenas.

Para dizer de que modo os não-indígenas muitas vezes mudam as palavras de Jesus ao falar para índios, Tink Tinker apresentou o seguinte citado:

“Jesus foi manipulado para legitimar os interesses... dos exploradores, dos privilegiados e dos poderosos.

Ele foi projetado como um pregador de verdades eternas, que conquista e vence as culturas e as tradições religiosas de outras pessoas; um anunciador de catástrofes cósmicas, indiferente quanto a questões sociais atuais; e um pacifista que está distante das tensões e dos conflitos humanos”⁵. (...)

Vamos nós mesmos olhar mais de perto como era Jesus e o que ele dizia. Vamos ver inicialmente como Jesus considerou e tratou os pobres e os menosprezados. Como já ouvimos num outro Titihade, Jesus nasceu e viveu no meio do povo humilde.

Além disso, ele se relacionava com pessoas de outros povos, que eram consideradas inferiores naquele tempo, como os cananeus, samaritanos e gregos.

Estas pessoas eram tratadas de uma forma parecida como os Kulina hoje em dia muitas vezes são tratados: evitava-se o contato com elas, e dizia-se que não pertenciam ao Deus de Israel.

Já ouvimos uma história de Jesus sobre um destes samaritanos. Um homem gravemente ferido foi visto por pessoas responsáveis pela religião daquela época, mas elas só olharam e passaram. Um samaritano, porém, ficou com pena do ferido e o ajudou. Deste modo, foi ele quem realizou a vontade de Deus, mas não os representantes da tradição religiosa oficial.

Há uma outra história com um samaritano. Ela está escrita na parte da Bíblia que se chama “Evangelho de Lucas”, no capítulo 17. Lá diz o seguinte:

“E aconteceu que, indo ele (Jesus) a Jerusalém, passou pelo meio da Samaria e da Galiléia; e, entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens, leprosos, os quais pararam de longe, e levantaram a voz, dizendo: ‘Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós!’ E ele, vendo-os, disse-lhes: ‘Ide, e mostrai-vos aos sacerdotes’.

E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos. E um deles, vendo que estava são, voltou, glorificando a Deus em alta voz; e caiu aos seus pés, com o rosto em terra, dando-lhe graças; e este era samaritano.

E, respondendo Jesus, disse: ‘Não foram dez os limpos? E onde estão os nove? Não houve quem voltasse, para dar glória a Deus, senão este estrangeiro?’ E disse-lhe: ‘Levanta-te e vai; a tua fé te salvou’”.

⁵ R.S. Sugirtharajah, Jesus Research and Third World Cristologies, *Theology* 93 (1990), p. 387. Citado em: George E. “Tink” Tinker, *Christology and Colonialism: Jesus, Corn Mother, and Conquest*, p. 3 (capítulo de livro ainda não publicado; cópia no arquivo do COMIN; compare com Jesus, Corn Mother, and Conquest: Christology and Colonialism, em: *Native American Religious Identity: Unforgotten Gods*, Orbis 1998; e *American Indians and Jesus: Towards an EATWOT Christology*, em: *Voices from the Third World*, Fall 1995).

A este **conto bíblico dos dez leprosos**, os participantes dos seminários deram a forma de drama nos terreiros das suas aldeias. Deste modo, perceberam bem a diferença entre a existência social deste grupo antes e depois da sua cura.

Nesta história, conta-se primeiro que Jesus, indo para a cidade de Jerusalém, passou pela região da divisa entre a Galiléia e a Samaria. Mas Samaria não ficava no seu caminho para Jerusalém. Portanto, Jesus não passou por lá por acaso, talvez para encurtar o seu caminho, mas, ao contrário, só porque queria passar por lá.

Ele fez, portanto, o contrário que a maioria dos crentes de Israel daquela época, que evitavam de qualquer jeito pisar em Samaria.

Ali, dez homens o procuraram. Eram pessoas que sofriam de doenças de pele. Podiam ser doenças perigosas, como a hanseníase (lepra), mas também doenças não perigosas como, por exemplo, psoríase. Porém, todas eram vistas na época como doenças que deixavam as pessoas impuras. Quando, naquela época, alguém apresentava alguma doença em sua pele, tinha que mostrar-se aos sacerdotes. Se estes avaliavam que se tratava de uma doença que deixava a pessoa impura, a mesma não podia mais conviver com as pessoas normais, mas tinha que viver fora das cidades, num lugar reservado só para estes impuros. Estes tinham que usar roupas rasgadas, e sempre, quando alguém se aproximasse deles, tinham que gritar alto que eram impuros.

Era uma vida terrível. Não eram as doenças em si que necessariamente eram doloridas ou perigosas. Mas a exclusão e o desprezo que estas pessoas sofriam eram horríveis.

Por isso, estes dez homens chamaram Jesus de longe, pois para eles era proibido chegar perto de pessoas sãs.

A maioria das outras pessoas os teria mandado embora. Mas não Jesus. Ele não teve medo, mas parou e conversou com eles. E ele respondeu ao pedido dos dez e os curou.

Assim, ao se apresentarem aos sacerdotes, foram declarados limpos e, com isto, tiveram novamente o direito de viver uma vida normal no meio da sociedade. Desta forma, Jesus fez com que os mais desprezados de todos se tornassem novamente pessoas aceitas pela sociedade, com a liberdade de viver no meio de seus parentes.

Depois de curados, nove logo foram embora e não pensaram mais em Jesus.

Muitos cristãos se comportam da mesma forma: quando estão sofrendo problemas e aflições, vão muito à igreja orar. Porém, depois de Deus ter ajudado, e de poderem seguir a sua vida, já não procuram a oração. Eles oram: “Pai nosso que estás no céu...”, mas no fundo, não o consideram um pai.

O único que se comportou diferente foi, outra vez, um samaritano, uma pessoa, portanto, a respeito da qual se dizia que nem seguia a religião certa, nem entendia bem da Bíblia e de Deus. Porém, ele voltou a Jesus e louvou a Deus. Ele tratou Deus realmente como um pai, cuja ajuda se procura e, depois de ser ajudado, reparte-se com ele também a alegria. E Jesus elogiou este homem.

Torna-se evidente neste texto bíblico – bem como em outros - que Jesus não evitava, mas considerava os grupos que, por suas diferenças sociais, étnicas ou religiosas, eram menosprezados e ia ao seu encontro. Ele queria que gozassem de justiça e do pleno direito à vida. Da mesma forma, era capaz de reconhecer o jeito de crer destas pessoas. (...)

Muitos dos participantes dos seminários ainda ficaram surpresos com o fato de que Jesus aparentemente tivesse tido um interesse especial pelos pobres e menosprezados. Devido ao que até então tinham ouvido na pregação cristã sobre Jesus, acharam tão estranha a perspectiva dos seminários que ficaram na dúvida se eu, para agradá-los, não estivesse pondo no centro textos que, na verdade, se encontrassem à margem da tradição bíblica.

Por isso, traduza também, com e para eles, o **discurso programático inaugural de Jesus, conforme Lc 4**.

Numa outra parte do Evangelho de Lucas, no capítulo 4, lemos sobre uma das primeiras vezes em que Jesus falou em público. Foi em sua própria cidade, Nazaré. Para se apresentar, Jesus leu um texto bem antigo da Bíblia, que diz:

“O Espírito de Deus está sobre mim.

Ele me escolheu para levar boas notícias aos pobres

e me enviou para anunciar a liberdade aos presos,

dar vista aos cegos,

libertar os que estão sendo oprimidos

e anunciar o ano aceitável do Senhor”.

Nesta passagem, Jesus diz para que Deus mesmo o escolheu: para levar um discurso animador aos pobres, para acabar com a desgraça dos oprimidos e para superar a desigualdade dos menosprezados.

Portanto, não foi por acaso que Jesus sempre ia ao encontro do povo humilde.

Podemos até afirmar: se Jesus viesse hoje para cá, ele não moraria nos melhores bairros das cidades, nem nas casas dos melhor situados ou dirigentes políticos, mas ele sempre procuraria estar com as pessoas das periferias das cidades, com as pessoas das comunidades ribeirinhas e indígenas.

E ele faria um discurso bom para os menosprezados, palavras que animassem e deixassem a sua coragem crescer.

Ele também não teria medo de falar contra as pessoas que enganam e exploram os índios.

Como texto central do ensinamento de Jesus, refletimos nos seminários a **“regra de ouro” de Mt 7.12**. Neste versículo, resumem-se direito e ética do Antigo Testamento de um modo que é plausível também fora da tradição cristã. **O que ficou logo bem evidente na língua Kulina do texto original de Titihade foi a proximidade desta regra com o valor principal da cultura Kulina, o manako.** Durante os seminários, alguns dos Kulina mostraram-se surpreendidos e impressionados pelo fato de que algo do ensinamento de Jesus lembrasse tanto o seu *manako*.

Manako significa um princípio de vida que sempre procura um equilíbrio entre o receber e o dar, entre o ter e o não-ter, entre o fazer e o não-fazer, etc., sendo que estes movimentos de ir e vir nunca param. Quem, por exemplo, é solicitado a fazer alguma coisa dentro do normal, praticamente não pode negar. Ser chamado de avarento é uma grande vergonha. E a pessoa a quem algo é oferecido deve aceitá-lo, para não arriscar ofender a pessoa que oferece. Porém, ao aceitar a dádiva, já se confirma que, em algum momento futuro, irá se retribuir com algo. O acúmulo de bens muito além daquilo que se precisa para si também é considerado uma forma de avareza. Por isto, prestígio não tem quem possui muito, mas quem dá muito.

Este princípio do *manako* vai muito além da troca e da partilha de bens materiais. Toda a vida é regulamentada por ele, inclusive as questões de direito, religião e moral. Quando crianças brincam de “pega-pega”, com certeza, depois de um tempo, uma delas vai gritar *manako*, e, no mesmo momento, os perseguidos tornam-se os perseguidores, e vice-versa. A escolha do cônjuge, a convivência de homem e mulher, a divisão de tarefas na comunidade, até uma reunião são determinadas pelo *manako*: todos os que participam ouvindo deveriam, no decorrer de uma discussão, também falar. *Manako* acontece entre pessoas, famílias e grupos. Este dar, receber e retribuir gera uma forte rede social que ajuda a manter a união e o equilíbrio entre as partes. Boa parte do efeito que se deseja alcançar com a regra assumida por Jesus (conforme Mt 7.12), entre os Kulina, já é garantida pelo princípio de vida do *manako*⁶.

Até aqui já ouvimos com quem Jesus vivia e onde andava. Vamos ver agora o que mesmo Jesus ensinava para as pessoas.

Certa vez, uma pessoa perguntou a Jesus qual é o mais importante ensinamento que se encontra na Bíblia. Aí Jesus respondeu: “Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento. E o segundo, semelhante a este, é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo”. Assim está escrito na Bíblia, no Evangelho de Mateus, no capítulo 22.

No capítulo 7 deste evangelho, podemos ler como Jesus disse algo bem parecido: “Façam aos outros o que querem que eles façam a vocês”. Em seguida, ele disse que nisso se resumem todos os ensinamentos importantes.

Esta regra é simples, mas genial. Ela diz: Se tu não queres que alguém roube de ti, então tu também não deves roubar de outros. Se tu queres que outros emprestem das suas coisas para ti, então

⁶ O desrespeito deste princípio, porém, pode causar, também, um *manako* negativo, como, por exemplo, recusa contra quem se recusa, ou agressão contra quem é agressivo.

tu também deves emprestar para os outros do que é teu. Se tu queres que outros te dêem passagem em sua canoa, então tu também deves dar passagem a outros. Se tu não queres que outras pessoas se aproximem demais do teu cônjuge, então tu também não deves cobiçar os cônjuges de outros. Se tu queres ser bem-recebido nas casas dos outros, então tu também deves receber bem os outros em tua casa, e assim por adiante.

Portanto, o que Jesus entendeu como uma regra central para a vida das pessoas não é nada que dificulte a vida das pessoas humildes. Pelo contrário, onde as pessoas seguem esta regra, a vida melhora para todos.

Também a vida dos Kulina não perderia em qualidade, se seguissem esta regra. Ela também não questiona os ensinamentos dos antigos. Muito antes, os confirma. (...)

Podemos, portanto, dizer que o que importa para Jesus é que haja união entre as pessoas e entre as pessoas e Deus.

Estes mandamentos de Jesus, então, também não dizem que os Kulina devem se assimilar aos “brancos”. Muitos não indígenas católicos e evangélicos acham que os índios deveriam abandonar o seu jeito próprio de viver, os seus ideais e as suas tradições. O discurso de Jesus, porém, é outro: ele não quer acabar com culturas, mas quer que a vida dos indígenas, dentro dos moldes de suas tradições, melhore.

O indígena norte-americano Tink Tinker escreve, neste contexto⁷, que os não-indígenas são na maioria individualistas, cada um e cada uma pensando principalmente em si mesmo. Ele lembra que isto não tem nada a ver com Jesus, mas muitos missionários referem-se a ele para fazer dos índios individualistas também; pois muitos pregadores incentivam para uma reorientação religiosa individual, mesmo contra a opinião dos parentes e do grupo indígena, se for preciso. Em todas as culturas indígenas, porém, importa a comunidade, a união de todos, esta é a força dos indígenas. Onde os índios se abrem para estes missionários e seu individualismo ocidental, os indígenas perdem a sua união e, com isso, também a sua força também, Tink Tinker reclamou. (...)

Segue um bloco sobre morte e ressurreição, no qual se compara uma parte da respectiva tradição do Novo Testamento com mitos dos Kulina.

Já vimos como e com quem Jesus vivia e o que ensinava.

Na Bíblia, muito se fala também sobre a morte de Jesus na cruz. Por isso, vamos ouvir agora sobre a crucificação e a ressurreição de Jesus.

Antes fomos lembrados de que Jesus andava muito no meio dos pobres e menosprezados e de que lhes deixou ensinamento, na intenção de melhorar a sua vida.

Além disso, Jesus também compartilhou os sofrimentos das pessoas humildes. Já o seu nascimento aconteceu sob condições indignas, num estábulo. Ele se criou no meio do povo simples. Quando começou a peregrinar e a pregar, andava a pé e às vezes passava fome. Como ele falava palavras de ânimo e coragem aos grupos menosprezados da sociedade, os líderes religiosos e do governo daquela época começaram a persegui-lo. Queriam que ele morresse. Então, ele também sofria da mesma forma que as pessoas do povo humilde sofriam quando os governantes se zangavam com elas. E Jesus não procurou fugir. Ele suportou mentiras e tortura. No final, morreu como um criminoso, pregado a uma cruz de madeira. Tudo isso, sem ter cometido nenhum crime, mas simplesmente porque os poderosos da época não gostaram daquilo que Jesus falava para o povo simples. Assim como os pobres tinham que aguentar muitas injustiças, ele também aguentou. Embora tenha sido Filho de Deus, ele quis conviver de forma plena com o povo humilde, e, conseqüentemente, teve que suportar também todo o seu sofrimento.

Um dos textos importantes da Bíblia sobre a morte de Jesus está na parte chamada “Carta aos Filipenses”, no capítulo 2. Lá diz, entre outras coisas:

“Que ninguém procure somente os próprios interesses, mas também os dos outros.

Tenham entre vocês o mesmo modo de pensar que Cristo Jesus tinha:

Ele tinha a natureza de Deus, mas não tentou permanecer igual a Deus.

Pelo contrário, ele abriu mão de tudo o que era seu

e tomou a natureza de servo,

tornando-se assim igual aos seres humanos.

E, vivendo a vida de um ser humano,

ele foi humilde e obediente até a morte, a morte na cruz.

⁷ George E. „Tink“ Tinker, *Christology and Colonialism: Jesus, Corn Mother, and Conquest*, p. 6 (capítulo de livro ainda não publicado; compare com a nota 5).

Por isso, Deus deu a Jesus a mais alta honra e lhe deu um nome que está sobre todos os nomes”.

Não foram, portanto, fraqueza e fracasso que conduziram Jesus à morte, mas foi uma grande força, a força de levar a solidariedade até o fim. Como irmão dos menosprezados, Jesus não quis fugir do sofrimento, mas superá-lo.

Assim, Jesus foi morto, mas Deus o fez renascer de corpo e alma, sem, porém, que deixasse de ser ainda vulnerável para os opressores.

Tudo isso deve dar ânimo aos menosprezados para que não desistam, pois podem saber que a força de Jesus vai além da das pessoas poderosas.

Os Kulina têm em sua tradição oral uma história antiga que muitos outros povos indígenas, até da América do Norte, também contam de modo semelhante. É a história da mulher da qual surgiu uma roça⁸. Podemos comparar Jesus com esta mulher. Ela morreu para melhorar a vida de sua família e de seu povo. E onde isso aconteceu, surgiu a primeira roça para os Kulina, que até aquele dia só haviam vivido em total dependência daquilo que encontravam na floresta. E, poucos dias depois do seu sacrifício, a mulher ressuscitou.

A morte de Jesus não gerou um roçado, mas deu mais firmeza⁹ para os pobres e menosprezados, para que eles vivessem em união e para que não faltasse coragem para que enfrentassem tudo o que prejudica a sua união, como injustiça, opressão, exploração e egoísmo.

Ao refletirem sobre morte e ressurreição de Jesus, os Kulina da aldeia Macapá se lembraram de mais outros mitos que falam de morte e ressurreição. Então elaboraram o seguinte texto:

Entre as histórias que os antigos contaram, há algumas que falam de morte e ressurreição. Elas lembram também a história da ressurreição de Jesus.

Numa destas histórias, uma mulher fala para seu marido: “Vá, atire a sua flecha em mim!”. No dia seguinte, apareceu um roçado neste lugar, com muita comida boa que fez os Kulina viverem melhor. Depois de poucos dias, a mulher ficou novamente com vida.

Temos uma outra história na qual um rapaz fala para sua mãe: “Enterre-me!”, e após ficar enterrado, surgiu uma roça com tanta comida que os Kulina não precisavam mais passar fome...

Jesus também morreu, mas, depois de três dias, viveu novamente. Aí, quando os menosprezados ficavam tristes, podiam animar-se mutuamente: “Não tenhas medo, não vamos desistir, mas andaremos de olhar erguido”.

Diversos participantes dos seminários consideraram a nova sugestão de relacionar seus contos de morte e ressurreição com a tradição bíblica inspiradora. Esta influenciou a sua interpretação em duas direções: por um lado, de uma forma bem imediata, chegaram à compreensão da morte de Jesus como um sacrifício em benefício daqueles que amava. Por outro lado, ficaram bem atentos para o fato de que, em seus mitos, além de refletirem a compreensão Kulina tradicional dos frutos da roça como milagre causado por um sacrifício (e não principalmente como resultado de trabalho humano), há também um traço encorajador, lembrando o potencial que se encontra na dedicação em favor da comunidade.

⁸ Segue o mito, na forma como os Kulina o contam: Há muito tempo, uma mulher Kulina disse para o seu marido: “Embora, temos mais nada de carne! Vamos nós dois caçar!” E eles foram. Em cima de um morro, ela disse: “Olha só, que lugar bonito para uma roça!” Enquanto ela falava, ele estava raspando a ponta da sua flecha. Ela continuou: “Esta ponta de flecha é boa. Vai, dispara em mim! Não há nada para comer. Nenhuma fruta da mata é boa. Eu vou virar cana-de-açúcar, banana grande, algodão, mamão, duas qualidades de inhame, batata doce... Vamos! Haverá uma roça grande”. – “Mas eu amo você! Se eu flechar você, e você morrer, não voltará mais.” – “Eu ressuscitarei! Morrerei agora, mas, quando o sol se pôr, haverá bananas grandes maduras, e amanhã, o meu filho as comerá.” – “Então, disparo em você.” E assim ele fez. Disparou, e ela gritou alto e caiu. Daí o homem chorou muito. Chorando assim, ele chegou em casa, carregando o filho. No outro dia de manhã, quando foi ao roçado para ver, havia muita banana grande madura. Pegou um cacho de banana, cortou cana-de-açúcar e voltou: “Há todos os tipos de alimentos!”. Daí foram todos à terra cultivada por ela. (...) Depois de cinco dias, a esposa voltou. Quando o marido, junto com o seu filho, foi ao roçado para chupar cana-de-açúcar, lá estava ela, cantando. “Olá! Voltei para este lugar onde você me matou. Embora, vamos comer novamente!” (...)

⁹ No texto original consta *dakoree*, qualidade de caráter muito positiva e desejada entre os Kulina, que provém de *dakora*, verbo que pode ser traduzido por “estar ou ser firme, duro, estável, intransigente”.

A parte final desemboca em uma pequena conclusão que os participantes de um dos seminários elaboraram. Visto de fora, este texto pode parecer simples. Mas ele é algo especial, no sentido de que os Kulina invertem nele a convicção comum da maioria dos não-indígenas, tanto no passado quanto no presente, de que somente os não-indígenas entendam algo da tradição de Jesus, mas não os indígenas. Compreendemos a mensagem e também a atitude que transparecem neste texto como sinal de que **agora há, por parte dos Kulina, um fundamento, no qual um diálogo inter-religioso pode acontecer. Eles interpretaram a tradição de Jesus como aberta e convidativa para o diálogo com eles. Ao mesmo tempo, a comparação desta tradição com a sua acabou encorajando-os para que entrem autoconscientes, como Kulina, nesta conversa.** Eles descobriram no Filho supostamente prepotente e inacessível de um Deus dominador um homem que é poderoso apenas na fraqueza, e que vai ao encontro de grupos como eles, os leva a sério e os desafiava, mas sem que os submeta. Na figura central da tradição religiosa da cultura predominante e dominadora, os Kulina encontraram um duplo potencial de diálogo: por um lado, eles são desafiados a não se entregarem ao desrespeito e menosprezo que estão sofrendo; por outro, também as pessoas da cultura dominante são questionadas em sua visão e prática de vida que, às vezes, chega a desrespeitar os diferentes.

Jesus vivia no meio dos pobres e menosprezados. Ele ensinava o que devia fortalecer a união entre estas pessoas e, com isto, a sua força. Jesus também partilhou a sua vida até a morte. Ele morreu, mas ressuscitou. Desta forma, ele encorajou o povo humilde para que não desistisse de querer viver bem, apesar da injustiça e do desrespeito que sofre, por parte das pessoas bem-situadas.

Infelizmente, esta “boa nova” foi modificada pelos não-indígenas, por várias das suas missões e igrejas. Com seu jeito de falar de Jesus para os índios, em vez de fortalecerem as comunidades indígenas, fortalecem principalmente os não-indígenas. Com as suas pregações, não aumentam a união das comunidades e dos povos indígenas, mas causam divisões. Os respectivos missionários e pastores não perguntam se tradição e ensinamento da cultura indígena em questão talvez valorize o que Jesus valorizava, mas eles incentivam os índios a abandonarem elementos centrais da sua cultura – ritos religiosos, festas, etc. - e viverem do mesmo modo que eles. O seu discurso não é como o discurso de Jesus. Jesus queria que os menosprezados vivessem uma vida melhor, uma vida de igualdade e de justiça. Os assuntos daqueles pregadores, porém, são outros. Eles não falam contra os invasores das terras indígenas nem contra as pessoas que vivem enganando os índios, mas dizem que importa apenas salvar as almas para uma vida eterna.

Jesus e Deus, porém, não estão preocupados apenas com a vida após a morte, mas também com a vida já aqui nesta terra. (...)

Ouvimos sobre vida, morte e ressurreição de Jesus e sobre os seus ensinamentos. E vimos que, se concordamos com estes ensinamentos, não precisamos ao mesmo tempo abandonar o jeito Kulina de viver. Não há por que querer construir uma igreja na aldeia e abandonar o pátio como lugar de realizar os ritos religiosos e as reuniões. Não há por que deixar para trás os cantos antigos, querendo trocá-los pelos hinos de uma igreja não indígena. Igualmente não há necessidade nem do cargo de pastor, nem de patrão, pois já existem os xamãs e os tuxauas Kulina.

Não é abandonando a sua tradição que os indígenas se aproximam mais a Jesus. Pelo contrário: é quando começam a querer viver do mesmo modo como os não-indígenas que a sua vida se distancia mais dos ensinamentos de Jesus. Pois, onde acontece que grupos indígenas passam a viver do modo em que vive a maioria dos não-indígenas, os índios dão cada vez menos valor à união, tornam-se individualistas e decidem cada vez mais sozinhos, e não querem mais repartir o que possuem. Quanto mais se afastam dos ensinamentos dos antigos, tanto mais se afastam também dos ensinamentos de Jesus.

Ou seja, se uma pessoa Kulina quer levar a sério o fato de Jesus chamar para a união, ela jamais deve querer se igualar aos “brancos”, pois um dos princípios de vida mais fortes deles é que cada um tem que cuidar de si mesmo. O jeito dos Kulina de viverem unidos, sempre garantiu uma vida boa para todos, pois ninguém precisava passar fome ou necessidades. O jeito egoísta dos não-indígenas, porém, garante uma vida boa apenas para poucas famílias, enquanto a maior parte do resto do seu povo vive mal ou até na miséria.

Os não-indígenas falam a toda hora nos nomes de Deus e de Jesus, mas muitos deles estão bem distantes dos seus ensinamentos. Os Kulina, por outro lado, falam pouco em Jesus e em Deus, mas estão muito próximos de algumas partes dos ensinamentos de Jesus. (...)

Quando realizamos um seminário sobre estas questões na aldeia Iari, os Kulina da aldeia encerraram o seminário elaborando em conjunto o seguinte texto:

Para que os não-indígenas entendam melhor as palavras de Jesus, nós também podemos ajudá-los.

Pois, bem antigamente, os nossos antepassados ainda não sabiam nada de Jesus, mas viviam conforme os principais ensinamentos dele, repartindo, por exemplo, os seus alimentos com as outras famílias da comunidade, sem querer nada em troca. E era isso que Jesus também já tinha dito, quando ensinou como se deve conviver.

Os não-indígenas costumam dizer: “Os Kulina não entendem nada dos ensinamentos de Jesus”, mas são eles mesmos que vivem em contradição com o que Jesus disse.